

OPINIÃO

UM HISTORIADOR BRITÂNICO

José Sarney

O Brasil do neoliberalismo e da globalização está mesmo a consumir desbragadamente as bugangas de Taiwan e Hong Kong com uma fúria hedonista e, com o mesmo ímpeto, tomando um porre de cientistas políticos e historiadores falsificados que aqui chegam e os meios de comunicação dão-lhes o aval "de guru das esquerdas", a "maior autoridade em história contemporânea", o "gênio de Harvard", e por aí adiante.

Outro dia foi o Dornsbruch que aqui desencadeou uma onda de entrevistas e contra-entrevistas. Agora, apareceu um tal de Perry Anderson, como a maior sumidade da esquerda mundial, a deitar falação, e nunca se viu um amontoado de lugares comuns e desinformações sobre o Brasil e sobre as idéias que, hoje, merecem uma reflexão de grandes expressões do pensamento político mundial. Telefonei a uns quatro ou cinco amigos meus no exterior, para não assumir sozinho a responsabilidade de ser desinformado, depois de procurar sempre atualizar-me, como leitor viciado e assinante das melhores e maiores revistas especializadas em política, da Europa e dos Estados Unidos. A resposta, unicórdia, era tratar-se de um camelô desimportante de novidades velhas, ou a informação pálida de ser um desses divulgadores, copidesque de idéias, sem nenhum maior respeito acadêmico, nem detentor de rigor científico. Enfim, um rolex falsificado de Assunção, que vive da "ação entre amigos" de pseudos-intelectuais terceiro-mundistas.

Quando comuniquei que Perry Anderson fora recebido como "o mais importante historiador da Inglaterra", ouvi uma grande risada do outro lado da linha. Pois chegou aqui e falou sem nada saber de Brasil. Vejam-se algumas preciosidades: "Na massa, o elemento plebiscitário é forte na cultura política do Brasil (-sic)!" Ou estas descobertas, realmente geniais: "Obviamente não há nada de errado com o princípio da reeleição nos sistemas parlamentares". "O resultado é a personalização do poder e o esvaziamento de conteúdo ideológico dos partidos". "Os homens não fazem a História como desejam!" E por aí vai com grandes descobertas, como essas jóias de banalidades.

Lembrei-me então de um discurso que ouvi de Carlos Lacerda sobre um livro de um político publicado nos anos 50. Ele levou o calhamaço para a tribuna e desafiou o plenário. "Se eu não encontrar em qualquer página deste livro um lugar-comum, renuncio ao meu mandato". E em seguida abriu o livro de sopetão e leu: "A mulher é a rainha do lar!"

Assim foram os trechos que li do "maior historiador da Inglaterra", Perry Anderson. O grande nome inglês, historiador marxista, é Eric Hobsbawm, autor de toda uma obra de repercussão mundial sobre o movimento operário e a revolução. Responsável, na última vez que esteve no Brasil teve a honestidade intelectual de dizer que se abstinha de "apreciações e juízos", para não ser apressado ou precipitado sobre questões brasileiras". Na França, temos Cornelius Castoriadis e Michel Vovelle, sem falar do grande Bobbio,

na Itália, e nenhum deles se investe de sapiência sobre uma realidade que não dominam. Antônio Calado, certa vez, ao tratar de algumas observações de Jorge Semprun, o grande escritor espanhol, questionou a legitimidade dos intelectuais do Primeiro Mundo de tratarem de situações com as quais não estavam familiarizados, chegando a juízos e conclusões equivocados.

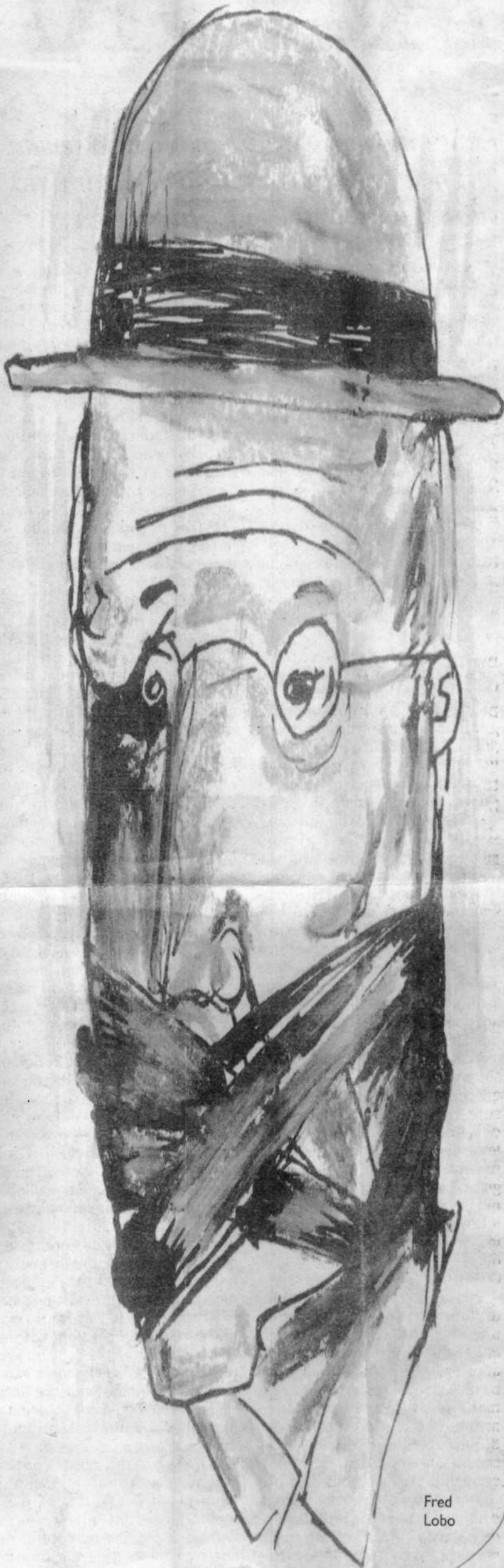
Temos no Brasil pensadores marxistas comparáveis aos melhores do mundo, como Leandro Konder, e nem estes, que prezam o rigor científico, lançam mão de juízos reducionistas, subjetivos, caricatos sobre pessoas e fatos de nosso país.

Disse o "historiador inglês" Anderson que os partidos no Brasil perderam a virgindade ideológica, agora, com a política de alianças de Fernando Henrique. Ora, o Brasil nunca teve a tradição de partidos nacionais nem de partidos ideológicos. O partido nacional é de 1946 e apenas o PC, como uma agremiação mundial, podia receber esse rótulo de ideológico. Os nossos partidos sempre foram estaduais, quase facções políticas, que se uniam em nível nacional entre governo e oposição. Os seus programas eram apenas feitos como meros documentos cartoriais que cumpriam formalidades legais nas atas de fundação. Hoje, também, no mundo inteiro, os partidos ideológicos desapareceram e vivemos o que se chama, mesmo em relação a compromissos, o fenômeno do esgotamento programático. Por outro lado, como afirma o "gênio inglês", nada temos de similitude com as correlações de forças políticas que atuam no cenário mexicano. Não tivemos nenhuma "onda de indignação popular no fim dos anos 80". Esse fato deu-se na campanha do *impeachment* de Collor.

Para concluir, cito outra afirmação banal e confusa do grande continuador de Macaulay: "Na Europa, o neoliberalismo está gerando tensões sociais explosivas, no limiar de uma de suas mas grandiosas criações, a União Monetária Européia". O neoliberalismo está gerando tensões explosivas, não somente lá, e sim em todo lugar, e nenhuma correlação dessas tensões está ligada à União Monetária Européia. É consequência, estruturalmente, da sacralização do mercado, que resolve tudo, mas não resolve os problemas sociais, que não estão incluídos nos resultados lucrativos da competição. Em todo lugar a crise do desemprego acompanha esse afastamento do poder harmonizador e arbitral do Estado, para deixar a economia entregue às práticas e às aberturas selvagens.

Uma das consequências mais nefastas dessa globalização tupiniquim é o comércio das mediocridades. Estamos aumentando as tarifas para não deixar que as nossas fábricas de brinquedos desapareçam. Nesse caminho, por que não criar uma taxa para proteger o país dessa subliteratura que, sob a capa de cientistas políticos, *experts* em Brasil, chega aqui e deixa produtos quebrados, imprestáveis, e é mais um daqueles especuladores, igual aos que avançam nos juros altos e retornam às suas tocas?

■ José Sarney é presidente do Senado Federal



Fred Lobo